

III COL·LOQUI INTERNACIONAL D'ARQUEOLOGIA

**EL VI
A L'ANTIGUITAT
ECONOMIA,
PRODUCCIÓ
I
COMERÇ
AL
MEDITERRANI**

ACTES

(Badalona 19, 20 i 21 d'octubre de 2022)

**MUSEU DE BADALONA
2024**

III COL·LOQUI INTERNACIONAL D'ARQUEOLOGIA ROMANA

El vi a l'antiguitat

Economia, producció i comerç al Mediterrani

ACTES

Museu de Badalona

© d'aquesta edició: MUSEU DE BADALONA, 2024

Plaça de l'Assemblea de Catalunya, 1, 08911-Badalona

Coordinació

Clara Forn, Esther Gurri

Maquetació

Martina de Castro

Disseny coberta

Francesca García

Fotografia coberta

Lluís Andú

O consumo de vinho itálico em Monte Molião (Lagos, Portugal)

*João Boto, Elisa de Sousa,
Carlos Pereira, Ana Margarida Arruda*

Abstract: The archaeological excavations carried out in Monte Molião, in the Algarve coast, revealed a sizable number of italic amphorae, related to the beginning of the Roman occupation of Western Iberia, mostly between the last quarter of the 2nd and 1st century B.C. The italic amphorae set reveals a preference for the type Dressel 1A, while other types remain almost irrelevant, but still allows to understand a change of consumption patterns in the site during the roman republican period. An integrated analysis concerning specific chronological timeframes, its spatial distribution and the importance played by Italic wine in the consumption patterns of this Portuguese site is now presented.

Keywords: Algarve; italic amphorae; Roman Republican Period; distribution; consumption patterns.

1- Introdução

O Monte Molião é um importante sítio arqueológico localizado no sudoeste da Península Ibérica (Figura 1), tendo vindo a ser intervenção de forma sistemática desde 2006. Entre as várias fases da sua ocupação, o período romano-republicano destaca-se não só pela expressividade dos conjuntos arquitectónicos (Arruda *et alli*, 2020: 185-187), mas, sobretudo, pela quantidade e estado de conservação dos repertórios artefactuais associados.

Entre estes últimos, o conjunto de ânforas viárias com origem na Península Itálica é muito significativo em termos numéricos. Trata-se de mais de três centenas de fragmentos, entre bordos, fundos, asas e partes de corpo, que correspondem a cerca de uma centena e meia de indivíduos. Integram-se nos tipos Greco-italico, Dressel 1 de transição, Dressel 1A, 1B, 1C e Lamboglia 2 e foram recolhidos, sobretudo, em níveis conservados de época romana-republicana (séculos II e I a.C.), apesar de alguns serem

provenientes de estratos de cronologia posterior ou superficiais.

O último terço do século II a.C. é marcado pelo crescimento exponencial das importações itálicas no sítio, sendo a mais significativa a cerâmica de verniz negro, revelando formas relacionadas com o consumo de líquidos (Dias 2015: 118-120). As cerâmicas de paredes finas e taças helenísticas com decoração a molde (“cerâmicas megáricas”) são mais reduzidas em número, mas, ainda assim, relevantes (Sousa e Arruda, 2018: 206-221; Sousa *et alli* 2019: 360-362; Sousa *et alli*, 2022: 3-5), reflectindo a adopção de novos hábitos de consumo. As tradições precedentes, que são partilhadas com o sul andaluz, são mantidas durante este período, particularmente nos repertórios da cerâmica comum e de mesa (Sousa e Arruda, 2014: 57-85; Sousa *et alli* 2019: 364), e mesmo no quadro do abastecimento de produtos alimentares (Arruda e Sousa, 2013: 107-137). Contudo, a prevalência das importações itálicas e o seu efeito nos padrões alimentares de Monte Molião é inegável,

revelando a integração deste núcleo algarvio nas redes comerciais e culturais mediterrâneas.

O elevado número de exemplares de ânforas itálicas recolhido numa área relativamente ampla (cerca de 1.400 m²), e em contextos conservados, permite uma leitura que ultrapassa a simples análise crono-tipológica, avançando-se na perspectiva do papel que o vinho itálico representou para a comunidade que habitava o Monte Molião, podendo propor-se uma estimativa do seu consumo anual e, paralelamente, obter algumas informações relacionadas com a sua distribuição espacial.

2- O consumo de vinho itálico em Monte Molião

A partir do último terço do século II a.C., o ritmo de importações em Monte Molião começa gradualmente a modificar-se, como resultado da sua plena integração nos circuitos comerciais do mundo romano. As importações itálicas tornam-se cada vez mais significativas, o que é evidenciado pela presença da cerâmica de verniz negro, que dominou o serviço de mesa deste período, e que foi acompanhada também pelo aumento gradual de ânforas vinárias (Arruda e Sousa, 2013: 136-137; Dias 2015: 124-126). É importante assinalar que os hábitos alimentares de Monte Molião não se alteraram radicalmente, considerando as quantidades de ânforas (sobretudo as que transportaram produtos haliêuticos) e de cerâmica de mesa (tipo Kuass) provenientes da área de Cádiz (Arruda e Sousa, 2013: 136-137; Sousa *et alli* 2019: 362-363), situação que se poderá justificar pela proximidade geográfica e cultural entre ambas as regiões. Ainda assim, a introdução do vinho itálico comportou alterações muito significativas nas pautas da dieta destas comunidades.

O conjunto de ânforas itálicas conta, até ao momento, com 316 fragmentos, correspondente a 171 indivíduos (NMI), na sua maioria bordos. Contam-se ainda quatro corpos, pertencendo três à variante A da forma Dressel 1, e um à variante C.

Entre estes, 77 NMI foram recolhidos em níveis conservados de época romana-republicana (séculos II e I a.C.) e 94 NMI em níveis de fase posterior, sendo, portanto, materiais residuais, resultantes da destruição, em diferentes momentos, das sequências estratigráficas originais. Ainda assim, cabe assinalar que os dados descontextualizados refletem, quer em termos quantitativos, quer formais, as tendências verificadas contextualmente.

Em termos tipológicos, a forma Dressel 1A (Figura 2) é a variante mais representada no conjunto (87 NMI - Tabela 1), seguindo-se o tipo Greco-Itálico (19 NMI) e as formas de transição (16 MNI; Figura 3). As variantes B e C da forma Dressel 1 são mais raras, estando representadas singularmente, no primeiro caso (1 NMI), infelizmente sem contexto, e, no segundo, por seis indivíduos, quatro dos quais em contexto (Tabela 1; Figura 2 e 3). Por último, a forma Lamboglia 2, conta com quatro indivíduos, infelizmente descontextualizados (Figura 3).

No que concerne à cronologia, foi possível individualizar, com base nas sequências estratigráficas e da cultura material, quatro momentos distintos, aos quais se associam os contentores de transporte itálicos.

A mais antiga está estabelecida entre os finais do século III e a primeira metade do século II a.C., com base nos materiais exumados na UE 310 (Sousa *et alli*, 2022: 3-4). Este conjunto, que está em clara continuidade com o repertório da fase final da Idade do Ferro, conta com três importações itálicas. Uma corresponde a um prato da forma Lamboglia 23 de cerâmica de verniz negro itálico e os dois restantes a ânforas Greco-Itálicas, que marcam o início do consumo destes produtos vinários no sítio algarvio, assim como a conexão, directa ou indirecta, com os circuitos comerciais do Mediterrâneo Central (Sousa *et alli*, 2022: 8-11).

Contudo, é a fase centrada entre o último quartel do século II e o primeiro quartel do século I a.C. que está mais bem documentada (entre outros, Arruda e Sousa 2013: 107-109; Pereira e

Arruda 2016: 159-162; Sousa *et alli* 2019: 364-366). É nesta fase que se observa o pico de crescimento de importações itálicas (Arruda e Sousa, 2013: 107-109; Dias 2015: 113-118; Sousa *et alli* 2019: 366), e, consequentemente, a fase na qual se recolheu o maior número de ânforas itálicas em contexto (58 NMI).

Entre estas, destaca-se, sobretudo, a presença da forma Dressel 1, especificamente da variante A (30 NMI), o que permite reforçar a cronologia proposta, para além de ser uma clara evidência da consolidação romana no Extremo Ocidente. A presença de dois exemplares do tipo Dressel 1C, nesta mesma fase, não é surpreendente, uma vez que a produção de esta forma se iniciou também nos finais do século II a.C. (Empereur e Hesnard, 1987: 32; Vidal, 1997). Do mesmo modo, também se justifica a presença de Greco-Itálicas (7 NMI), cuja produção diminuiu a partir do terceiro quartel do século II a.C., mas que só parece efetivamente desaparecer na transição para o século I a.C. (Will, 1982: 348-353; Vidal, 1997), o mesmo podendo aplicar-se às ânforas de transição (7 NMI).

Em termos estratigráficos e contextuais, foi possível ainda identificar outro momento centrado na transição entre o primeiro e o segundo quartel do século I a.C., datação que foi estabelecida com base na presença, pela primeira vez na sequência estratigráfica de Monte Molião, de contentores anfóricos romanizados produzidos no Baixo Guadalquivir, cujo arranque da produção está situado entorno desta data (Vargas, *et alli* 2016a; 2016b). O restante conjunto associado (cerâmica fina, comum e outros contentores anfóricos) é, contudo, praticamente indiferenciável do momento precedente. No quadro dos contentores vinários itálicos, identificaram-se as seguintes formas: Dressel 1A (5 NMI), Greco-itálicas (2 NMI), Dressel 1C (1 NMI) e uma ânfora de transição (1 NMI).

Por fim, a última fase republicana enquadra-se entre 75 a.C. e o final dessa centúria. Ainda que, de momento, esteja escassamente representada em termos estratigráficos, nota-se uma clara di-

minuição da importação dos produtos vinários itálicos (Dressel 1A – 4 NMI; Dressel 1C – 2 NMI), o que contrasta com uma maior representatividade dos produtos sul peninsulares, em particular do Baixo Guadalquivir (Arruda *et alli*, no prelo). Ainda que esta tendência tenha de ser confirmada com a ampliação dos dados contextuais, parece estar, em certa medida, relacionada com uma maior competição dos produtos do sul da *Iberia* (Vargas *et alli* 2016a).

2.1- Distribuição espacial

As áreas intervencionadas de Monte Molião que proporcionaram contextos conservados de época romana-republicana foram os sectores A e C.

No primeiro, com maior extensão (cerca de 850 m²), a ocupação de época imperial (séculos I e II d.C.) destruiu, em parte, os contextos pré-existentes, ainda que algumas estruturas da fase imediatamente anterior tenham sido reaproveitadas (Arruda *et alli*, 2020: 185-186). Com efeito, até ao momento, as únicas áreas deste sector onde foi possível atingir níveis conservados do período romano-republicano correspondem: ao Compartmento 2; a uma área na zona a sul, cortada pelo caminho actual (Arruda e Sousa, 2013: 103-105); à “Rua”, que parece ter permanecido como espaço de circulação durante toda a época romana; e ainda a duas áreas da zona actualmente em escavação, onde afloraram os níveis correspondentes à ocupação do séc. I a.C.

Pela sua grande extensão, o Sector A é a área com maior concentração de materiais anfóricos itálicos, ainda que estes estejam, na maioria, descontextualizados, pelas razões anteriormente enumeradas (Tabela 2).

Ainda assim, a concentração de ânforas itálicas nos primeiros dois espaços mencionados, onde estes materiais surgiram em bom estado de conservação (Arruda e Sousa, 2013), poderão ter correspondido a espaços de armazenagem no âmbito das unidades domésticas (Figura 4). Contudo, para o sector A, uma leitura mais subs-

tanciada terá de aguardar pelo final dos trabalhos arqueológicos programados.

O sector C é menor em extensão (223 m²), mas apresenta uma sequência de época romana-republicana mais bem conservada, sobretudo na sua zona oeste (Arruda e Sousa, 2013: 103-105). Ainda que a distribuição de materiais seja mais reduzida, esta ocorre, maioritariamente, em contextos preservados (Tabela 2). Neste âmbito, a ocupação republicana divide-se em duas fases arquitectónicas distintas, ainda que indiferenciáveis em termos da cultura material. Tendo por base os dados contextualizados, e considerando unicamente estratos primários de ocupação, observa-se uma distribuição bastante regular dos contentores anfóricos itálicos pelas respectivas unidades domésticas, particularmente da fase construtiva mais recente, surgindo em agrupamentos de quatro ou cinco indivíduos (Figura 5), replicando, *grosso modo*, a situação documentada no Compartimento 2 do Sector A (6 NMI). Apenas um espaço destoia desta tendência, com uma concentração de 18 indivíduos. Infelizmente, a impossibilidade de reconstruir a totalidade desta unidade impede-nos de tecer outras considerações sobre a sua funcionalidade, que poderia ultrapassar o âmbito doméstico e desempenhar funções comunitárias ou mesmo comerciais.

2.2- O volume de vinho itálico consumido em Monte Molião

Os dados obtidos na precedente análise permitiram problematizar os ritmos e importância do consumo de vinho itálico em Monte Molião durante o período romano-republicano.

A obtenção da estimativa dos litros importados enfrentou, ainda assim, algumas dificuldades, sendo talvez a principal o facto de, entre as várias publicações da especialidade, não se encontrar uma coerência entre os volumes propostos.

No entanto, num artigo recente publicado por Jaime Molina Vidal e Daniel Mateo Corredor (2018) foram apresentadas as capacidades médias estimadas para diversos tipos de ânforas

itálicas, com base em perfis completos, com a excepção das ânforas de transição. Neste trabalho foram utilizados esses valores de referência, ainda que tenhamos plena consciência da variabilidade que os mesmos podem assumir.

Dentro das ânforas Dressel 1, a variante A tem uma capacidade média de 22,5 litros; a variante B, 26,7 litros; e a variante C, 22,4 litros (Molina e Corredor, 2018: 304).

Para as ânforas Greco-Itálicas, estima-se uma capacidade média de 27,4 litros (Molina e Corredor, 2018: 305).

Para as formas de transição não são apresentados valores médios de capacidade. Contudo, atendendo à proximidade, dos perfis destas ânforas com o dos tipos Greco-Itálicos ou Dressel 1A, pode-se estimar um valor em torno aos 24,75 litros (Will, 1982: 347; Molina e Corredor, 2018: 304).

O tipo Lamboglia 2 apresenta uma capacidade média de 37 litros (Molina e Corredor, 2018: 306).

A análise dos dados contextuais permitiu leituras que vão ao encontro das ideias descritas anteriormente relacionadas com os períodos de maior importância. Com base nos conjuntos anfóricos que se encontram em contexto (77 NMI), podemos extrapolar que terão sido consumidos em Monte Molião 1466,7 litros, o que representa um valor considerável tendo em conta a área escavada para o sítio (1073m²) e as suas condicionantes anteriormente mencionadas.

Advertimos que a disparidade dos dados por sector, tendo o C, com uma extensão de apenas 223m², um consumo muito superior (870,4 litros), quando comparado com o sector A (850m²) que apresenta apenas 596,3 litros, se justifica pela maior quantidade de níveis conservados do período republicano (Tabela 2).

Ao realizar a leitura pelas diversas fases da ocupação do sítio, observa-se que a primeira (entre finais do século III e meados do século II a.C.) é pouco representativa, uma vez que os dados existentes se relacionam com uma única U.E. ([310]). Com efeito, estes primeiros indícios do consumo do vinho itálico correspondem

a apenas 54,8 litros que, distribuídos pela cronologia ampla do contexto (e que não corresponde seguramente ao período da sua formação), indicariam apenas um consumo de 1,1 litros de vinho itálico por ano (Tabela 3).

A partir de 125 a.C., o consumo anual aumenta drasticamente para cerca de 32 litros, totalizando, no fim desta fase (em 75 a.C.), 1276,9 litros (Tabela 3). Este aumento em Monte Molião, explicar-se-á pela consolidação da presença romana no território e consequente difusão e assimilação de novas práticas alimentares a ela associada. A integração do sítio nas redes comerciais a longa distância desta fase indica uma comunidade plenamente romanizada que adoptou plenamente o vinho itálico nos seus hábitos alimentares (Corredor, 2016: 259-261; Sousa, 2017: 213-215).

O primeiro quartel do século I a.C. é marcado por um decréscimo das importações e subsequentemente do consumo de vinho itálico, totalizando apenas 134,8 litros, que equivale aproximadamente, e até ao fim do século I a.C., a um consumo anual de 1,8 litros (Tabela 3), ainda que, tal como para a primeira fase, sejam ainda escassos os contextos para a sua caracterização. Tal como mencionado anteriormente, a possível causa deste decréscimo acentuado pode estar relacionada não com a alteração dos hábitos alimentares, mas sim com a intensificação da produção vinária no Ocidente Peninsular, que é nesta altura exportada em contentores fabricados sobretudo na zona do Baixo Guadalquivir, e que entram em concorrência com os produtos itálicos, tendo a vantagem da maior proximidade geográfica.

Mesmo ampliando a análise de forma a incorporar os materiais descontextualizados, a situação mantém-se praticamente idêntica, aumentando apenas os valores absolutos: nesta óptica, que não pode ser naturalmente dividida em distintas fases, o consumo de vinho em Monte Molião apresenta um total de 3183 litros consumidos, considerando o total de ânforas itálicas recuperadas dentro da área intervencionada (1000m²). O sector A destaca-se por conter os valores mais elevados de consumo (1765,5 litros

na globalidade do sector - Tabela 3), o que não é de estranhar, uma vez que é o mais extenso (850m²). Note-se que o sector C, mesmo tendo uma extensão mais reduzida (223m²), apresenta valores muito próximos do sector A (1372,5 litros na globalidade do sector - Tabela 3). Este facto pode ser explicado por, nesta área, os contextos republicanos já se encontrarem escavados na sua totalidade.

Em termos muito gerais, e tendo por base o período mais importante de consumo de vinho itálico, entre 125 e 75/50 a.C. (ou seja, cerca de 50 a 75 anos), poderia estimar-se uma média anual entre 62 e 41 litros para uma área ocupada em torno dos 1000 m². Poderia ainda acrescentar-se, que, se a ocupação republicana do local se prolongasse, efectivamente, ao longo dos 4 ha estimados da colina de Monte Molião, o sítio teria uma média de importação de vinho itálico entre os 1600 (125 – 50 a.C.) e os 2500 (125 – 75 a.C.) litros anuais, o que equivale a 2 ou 3 litros por habitante (estimando-se uma população de cerca de 800).

3- Conclusão

A importância do vinho itálico durante a fase da conquista romana do Ocidente Peninsular é um tema já amplamente discutido. Ainda assim, e para esta área geográfica concreta, são relativamente escassos os sítios que dispõem de dados concretos para caracterizar este fenómeno.

No caso de Monte Molião, o carácter contínuo dos trabalhos arqueológicos realizados permitiram intervencionar áreas consideravelmente amplas e recuperar sequências estratigráficas detalhadas e ilustrativas da ocupação, permitindo a individualização de distintos momentos cronológicos.

Com efeito, os dados disponíveis evidenciam uma introdução tímida, mas precoce, do vinho itálico entre os finais do século III e a primeira metade do século II a.C., que atinge o seu auge durante o último quartel desta centúria e o início da seguinte, sendo importante destacar

a associação contextual de diversas morfologias a partir dos finais do século II a.C., ainda que a forma dominante nos inventários permaneça o tipo Dressel 1A. A partir do segundo quartel do século I a.C., o consumo do vinho itálico parece diminuir em detrimento do aumento de produtos vinícolas sul peninsulares.

Assim, o vinho parece ter-se tornado uma comodidade importante no sítio, notando-se, numa primeira fase, a preferência pelo vinho de origem itálica e, com o passar do tempo, e talvez por uma questão de proximidade, privilegiando-se os produtos do vale do Baixo Guadalquivir (Vargas *et alli*, 2016a; Vargas *et alli*, 2016b).

A adopção destes novos hábitos também se reflete na aquisição de morfologias específicas no quadro do serviço de mesa, destinadas especificamente ao consumo de vinho (Dias 2015: 124-126; Sousa e Arruda 2018: 222-223; Sousa *et alli* 2019; 2022: 364-367, 3 e 8), reflectindo a plena romanização da comunidade que habitou o sítio durante o final do 1º milénio a.C.

A intensificação das campanhas militares no Extremo Ocidente, que ocorreram neste período (finais do século II a.C.) (Alarcão 2018: 83-86), para a consolidação do poder romano, terão sido o gatilho por detrás do aumento de importações em todo o ocidente peninsular (Viegas 2011: 551-558) e, consequentemente, em Monte Molião. A região do Alentejo (Luís, 2003: 377-380; Parreira, 2009 81-86; Morais, 2010: 181-218) e, sobretudo, do vale do Tejo (Pimenta, 2005: 115-118; Bargão, 2006: 92-93; Pimenta e Arruda, 2014: 386-388), confirmam também este aumento, sendo que apenas o vale do Tejo apresenta dados mais detalhados (Pimenta 2005: 119 e 129-130). A necessidade de abastecer continuamente estas áreas mais longínquas, associada a uma ocupação cada vez mais sistemática do território no quadro da ocupação romana-republicana, plenamente integrada nos circuitos comerciais, justificam este fenómeno.

Em Monte Molião, os contentores anfóricos de vinho itálico surgem bem distribuídos em termos espaciais, parecendo associar-se predo-

minantemente com âmbitos domésticos, que parecem contar com uma média de quatro ou cinco ânforas por unidade doméstica, ainda que em alguns casos a funcionalidade não seja inequívoca, como referido anteriormente. Assim, parece que se tratava de uma comodidade acessível a toda a comunidade, sendo uma prática integrante da sua dieta alimentar.

O volume de dados recolhidos aumentará seguramente com o decorrer das escavações (sobretudo no que diz respeito ao sector A), pelo que as estimativas que foram apresentadas neste trabalho são de carácter ainda preliminar. Ainda assim, permitem ilustrar a importância da adopção de novos hábitos alimentares no Extremo Ocidente da Península Ibérica no decurso do processo de romanização.

Informação sobre o autor

João Boto: Universidade de Lisboa, Licenciado em Arqueologia joaobotoarq-2018@hotmail.com

Elisa de Sousa: Universidade de Lisboa, Uniarq - Centro de Arqueologia e.sousa@campus.ul.pt

Carlos Pereira: Universidade Complutense de Madrid / Universidade de Lisboa, Uniarq - Centro de Arqueologia-carlossp@ucm.es

Ana Margarida Arruda: Universidade de Lisboa, Uniarq - Centro de Arqueologia ana2@campus.ul.pt

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge. *A Lusitânia e a Galécia do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 2018, p. 9-357.

ARRUDA, Ana Margarida; PEREIRA, Carlos; SOUSA, Elisa; DIAS, Íris. “Importações béticas no Sul da Lusitânia: leituras a partir de um centro de consumo (Monte Molião, Lagos, Portugal)”. In *Ex Baetica Amphorae II, Viente años Después*, no prelo.

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa. “Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)”. In *SPAL*. Sevilha: Departamento de Prehistoria y Arqueología Facultad de Geografía e Historia da Universidad de Sevilla, 2013, nº22, p. 101-141.

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; SILVA, Inês; PEREIRA, Carlos “Evidências dos primeiros contactos com o mundo romano em Monte Molião (Lagos, Portugal)”. In *Actas del V Congreso Internacional de la Secah*, Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, 2019, p. 357-368.

ARRUDA, Ana Margarida; PEREIRA, Carlos; SOUSA, Elisa. “Laccobriga: estruturas romanas de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. In Pizzo, A. (ed.), *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana*. Mérida: IAM, 2020, (Mytra 6), p. 183-194.

BARGÃO, Patrícia. *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a Época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, 2006.

CORREDOR, Daniel. *Comercio anfórico y relaciones mercantiles en Hispania Ulterior (s. II a.C. – II d.C.)*. Barcelona: Universitat, 2016.

DIAS, Vanessa. “A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos. Os hábitos de consumo no Litoral Algarvio durante os séculos II a.C. e I a.C.”. In *SPAL*. Sevilha: Departamento de Prehistoria y Arqueología Facultad de Geografía e Historia da Universidad de Sevilla, 2015, nº24, p. 99-128.

EMPEREUR, Jean-Yves; HESNARD, Antoinette. “Les amphores hellénistiques.” In *Céramiques hellénistiques et romaines*, Vol. II. Besançon: Université de Franche-Comté, 1987, p. 9-72.

GARCIA VARGAS, Enrique; ALMEIDA, Rui; CESTEROS, Horacio. “Ovoid 4 (Guadalquivir Valley).”. In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. 2016a. (<http://amphorae.icac.cat/amphora/ovoid-4-guadalquivir-valley>). Acessado em 10-07-2020.

GARCIA VARGAS, Enrique; BERNAL CASASOLA, Dario; SAEZ ROMERO, Antonio; DIAZ RODRÍGUEZ, Jose. “Dressel 1 Guadalquivir Valley”. In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. 2016b. (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-1-baetica-ulterior-coast/production>). Acessado em 10-07-2020.

MORAIS, Rui. “Ânforas”. In *Studia Lusitania – Castelo da Lousa. Intervenções arqueológicas de 1997-2002*, Mérida: Junta de Extremadura, 2010, p. 181-218.

LUÍS, Luís. “Ânforas republicanas de Mata-Filhos (Mértola).” In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2003, nº2, vol. 6, p. 363-382.

MOLINA VIDAL, Jaime. *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior*. Alicante: Universidade de Alicante, 1997.

MOLINA VIDAL, Jaime; CORREDOR, Daniel. “The roman amphorae average capacity (AC)”. In *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford: John Wiley & Sons, 2018, vol. 37, 3ª edição, p. 299-311.

PARREIRA, Jorge. *As ânforas romanas de Mesas do Castelhinho*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, 2009, p. 10-97.

PEREIRA, Carlos; ARRUDA, Ana Margarida. “As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal)”. In *SPAL*. Sevilha: Departamento de Prehistoria y Arqueología Facultad de Geografía e Historia da Universidad de Sevilla, 2016, nº 25, p. 149-181.

PIMENTA, João. *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2005.

PIMENTA, João; ARRUDA, Ana Margarida. “Novos dados para o estudo dos Chões de Alpompe – Santarém.” In *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal De Oeiras, 2014, nº21, p. 375-392.

SOUSA, Elisa; ARRUDA, Ana Margarida. “A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos).” In *Onoba*. Huelva: Universidad, 2014, nº 2, p. 55-90.

SOUSA, Elisa. “Sobre o início da romanização do Algarve: 20 anos depois”. In *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: CSIC, 2017, nº 90, p. 195-218.

SOUSA, Elisa; ARRUDA, Ana Margarida. “A Cerâmica de Paredes Finas de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. In *Cuadernos De Prehistoria Y Arqueología*. Madrid: Universidad Autónoma, 2018, nº 44, p. 201-226.

SOUSA, Elisa; PEREIRA, Carlos; ARRUDA, Ana Margarida. “O serviço de mesa de época romana republicana de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. In Coll Conesa, J. (ed.), *Estudios transversales sobre cerâmicas antiguas de la península ibérica IV. Congreso internacional de la SECAH-Ex Oficina Hispana*. Madrid: Ediciones de la Ergástula, 2019, tomo II, p. 357-368.

SOUSA, Elisa; GOMES, Francisco; ARRUDA, Ana Margarida; PEREIRA, Carlos. “Importações orientais de época romana-republicana em Monte Molião (Lagos, Portugal)”. In *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: CSIC, 2022, nº95, e.08. <https://doi.org/10.3989/aespa.095.022.08>

VIEGAS, Catarina. *A ocupação romana do Algarve: Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Centro de arqueologia da universidade de Lisboa, 2011.

WILL, Elisabeth. "Greco-Italic Amphoras". In *Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens*. Athens: American School of Classical Studies at Athens, 1982, vol. 51, p. 338-356.

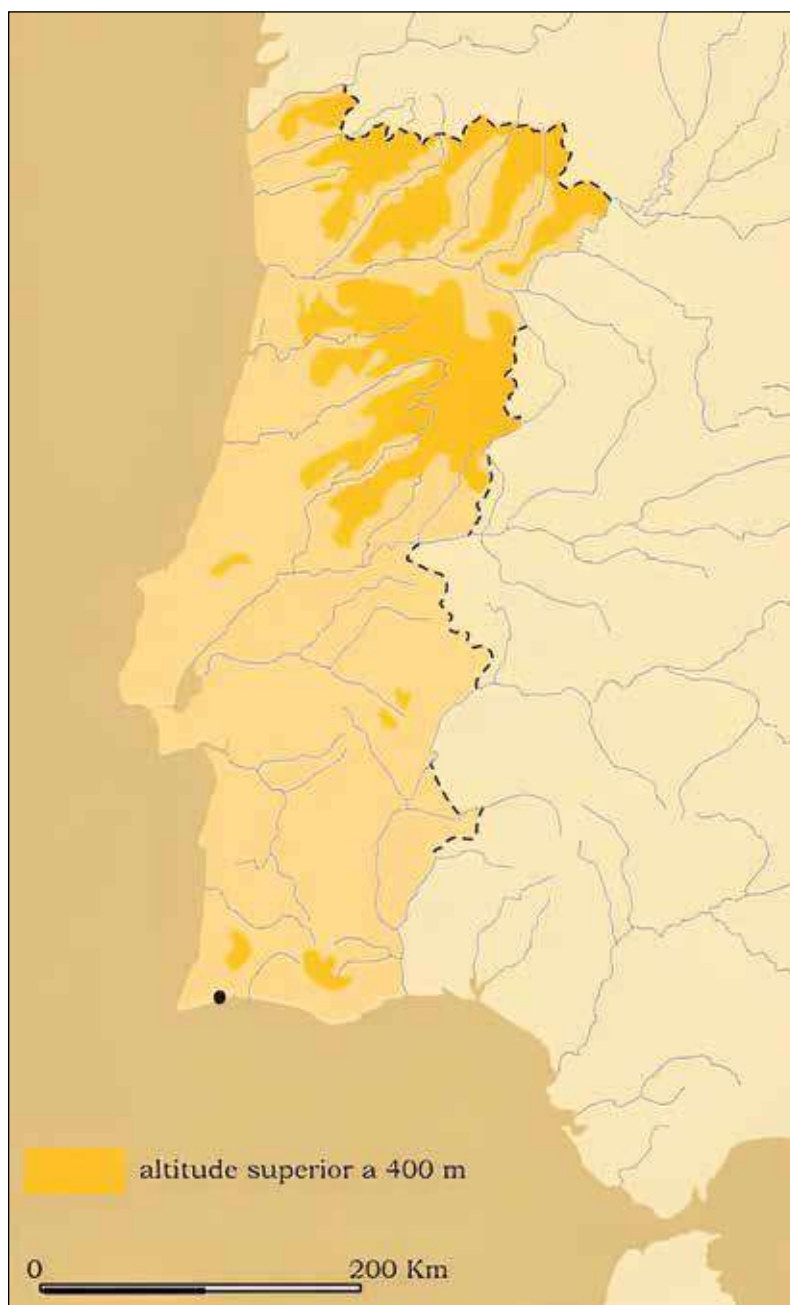


Figura 1. Monte Molião no território actualmente português (base cartográfica de V. Gonçalves).

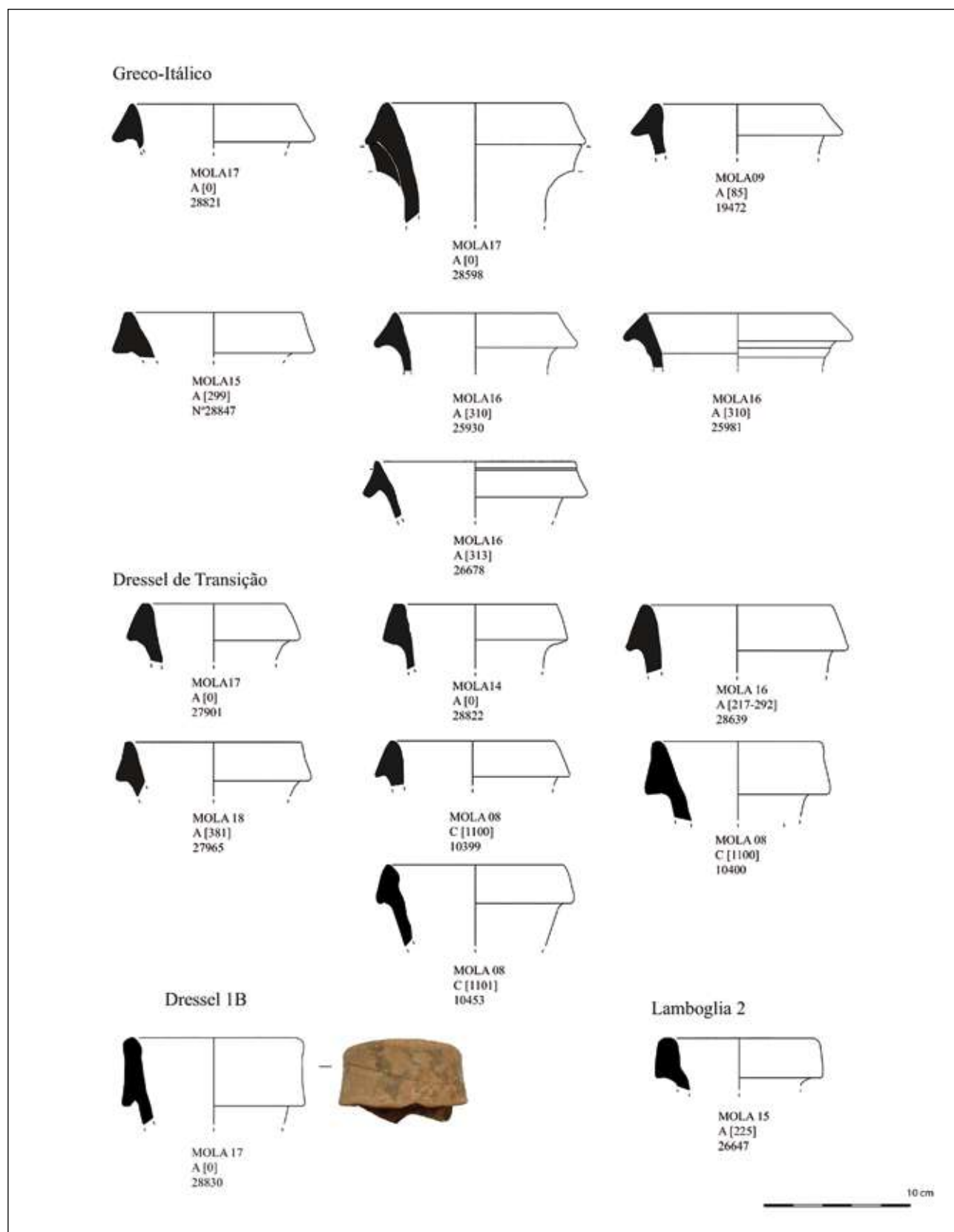


Figura 2. Ânforas itálicas de Monte Molião.

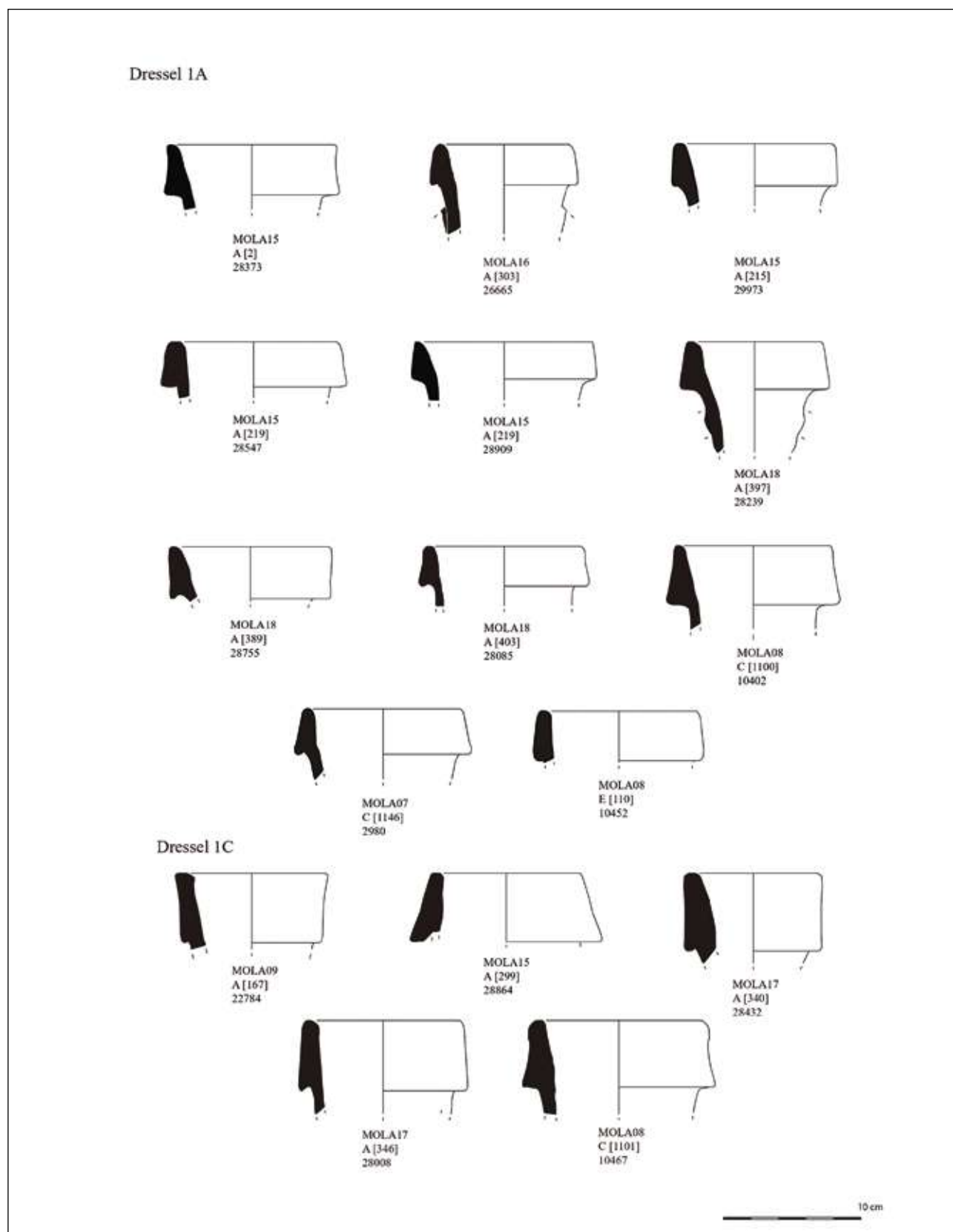


Figura 3. Ânforas itálicas de Monte Molião.

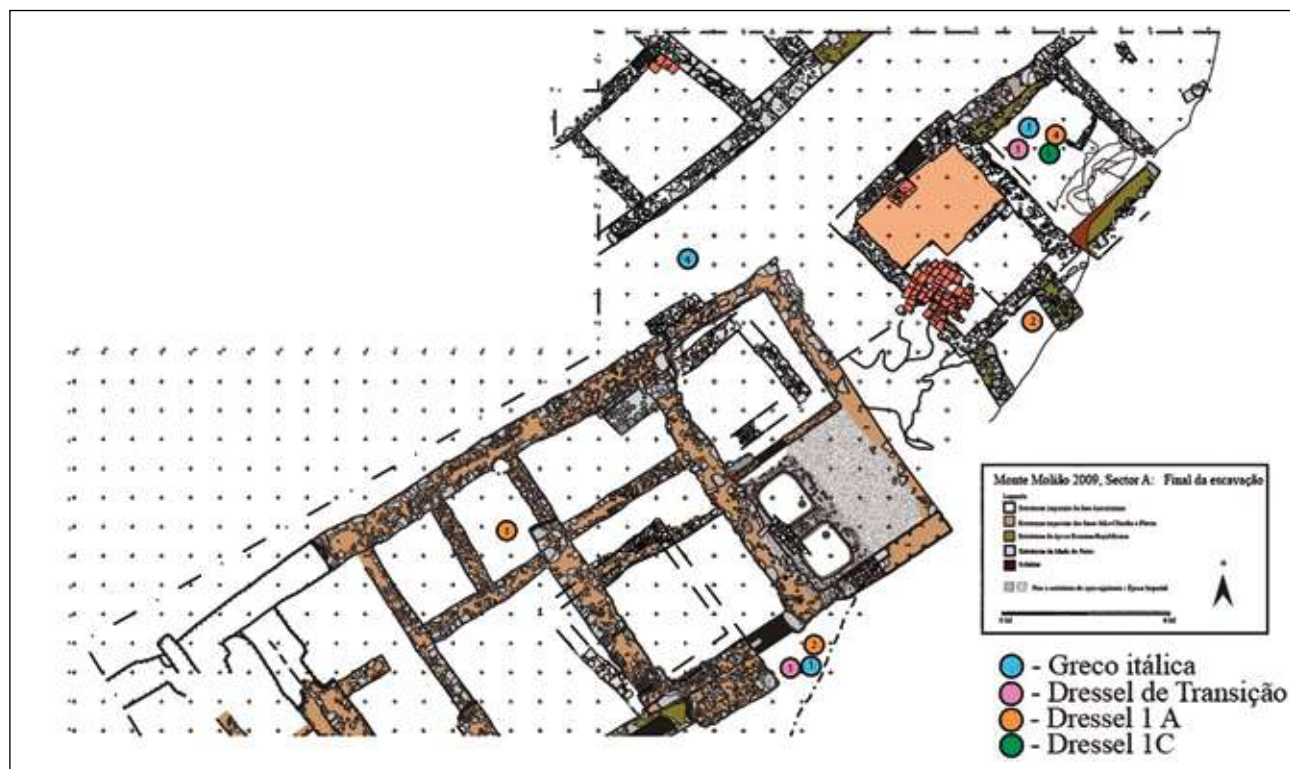


Figura 4. Distribuição espacial das ânforas itálicas no sector A de Monte Molião.

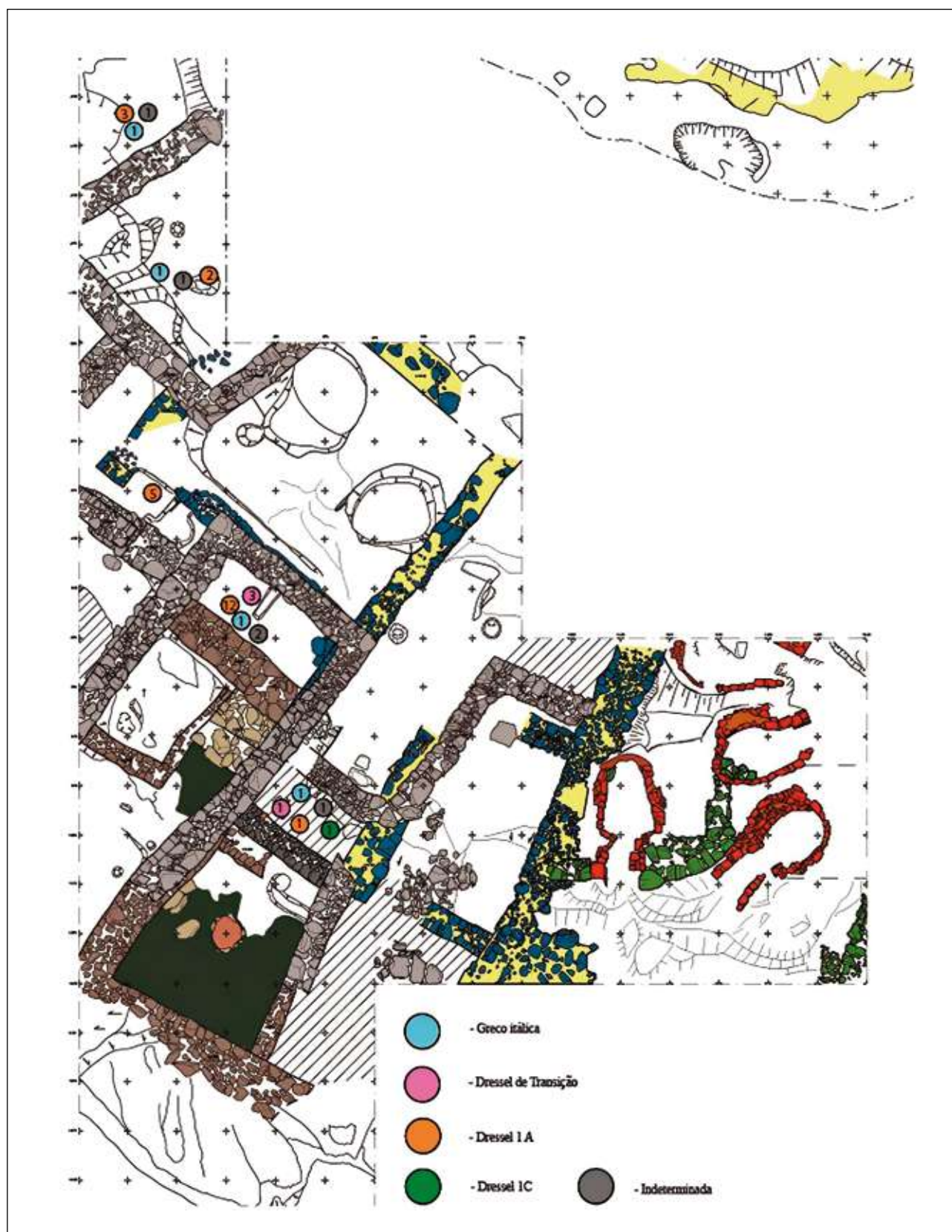


Figura 5. Distribuição das ânforas itálicas no sector C de Monte Molião.

FORMA	BORDO	ASA	FUNDO	PAREDE/ CORPO	nmi	NMI	NMI (contx.)	NMI (desctx.)
GREC-ITÁ	19	--	--	--	19	19	11	8
DR TRANS.	16	--	--	--	16	16	8	8
DR 1 A	84	--	--	3	87	87	39	48
DR 1 B	1	--	--	--	1	1	--	1
DR 1 C	5	--	--	1	6	6	4	2
LAMB. 2	4	--	--	--	4	4	--	4
INDETE	5	149	24	5	183	38	15	23
TOTAL	134	149	24	9	316	171	77	94

Tabela 1. Dados quantitativos das ânforas itálicas recolhidas em Monte Molião.

Sector	Quantidade		Tipologia	Total de litros	
	Total	Contexto		Total	Contexto
A (850m2)	48	14	Dressel 1 A	1765,5L	596,3L
	1	--	Dressel 1 B		
	4	3	Dressel 1 C		
	6	2	Dressel de transição		
	14	6	Greco-itálica		
	1	--	Lamboglia 2		
	16	4	Indeterminado		
Total	90	29			
C (223m2)	37	25	Dressel 1 A	1372,5L	870,4L
	2	1	Dressel 1 C		
	10	6	Dressel de transição		
	5	5	Greco-itálica		
	3	--	Lamboglia 2		
	17	11	Indeterminado		
Total	74	48			
Cisterna	2	--	Dressel 1 A	45L	--
	5	--	Indeterminado		
Total	7	--			
Total de indivíduos	171	77	--	3183L	1466,7L

Tabela 2. Dados contextuais e volumétricos das ânforas itálicas de Monte Molião.

Data	Quantidade	Tipologia	Total de litros	Litros por ano
200 – 150 a.C.	2	Greco-italica	54,8L	1,1L
125 – 75 a.C.	9	Greco-italica	1276,9L	32L
	8	Dressel de transição		
	35	Dressel 1 A		
	2	Dressel 1 C		
	13	Indeterminado		
75 – 0 a.C.	4	Dressel 1 A	134,8L	1,8L
	2	Dressel 1 C		
	2	Indeterminado		
Total	77	--	1466,7L	--

Tabela 3. O consumo de vinho em Monte Molião de acordo com as fases cronológicas.